


## ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NA EQUOTERAPIA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTIMULANDO A MOTIVAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO MODELO DA OCUPAÇÃO HUMANA

Occupational therapist's role in hippotherapy in children with autistic spectrum disorder: stimulating motivation from the perspective of the model of human occupation

Actuación del terapeuta ocupacional en la terapia asistida por caballos en niños con trastorno del espectro autista: estimular la motivación desde la perspectiva del modelo de ocupación humana

José Roberto dos Santos   
Associação Pestalozzi. Maceió/AL, Brasil.

Santos, J. R. dos. (2021). Atuação do terapeuta ocupacional na equoterapia em crianças com transtorno do espectro autista: estimulando a motivação sob a perspectiva do modelo da ocupação humana. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 2(5), 235-243. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto35199.

### Resumo

Contextualização/ Análise da prática: Neste artigo, buscou-se analisar a atuação do terapeuta ocupacional em equoterapia a partir de um raciocínio clínico atrelado aos componentes do Modelo da Ocupação Humana no acompanhamento de um praticante com Transtorno do Espectro Autista, a fim de estimular sua motivação e socialização. Síntese das considerações: O terapeuta ocupacional observou que esse modelo, aplicado em sua prática, favorece a motivação, a socialização e o engajamento em ocupações de crianças com autismo.

**Palavras-Chave:** Terapia Assistida por Cavalo. Terapia Ocupacional. Transtorno Autístico.

### Abstract

Contextualization/ Practice analysis: We tried to analyze the performance of the occupational therapist in hippotherapy, using a clinical reasoning linked to the components of the Model of Human Occupation, in the follow-up of a practitioner with autism spectrum disorder to stimulate motivation and socialization. Summary of considerations: The occupational therapist observed that this model, applied to his practice, favors motivation, socialization and engagement in occupations of children with autism

**Keywords:** Equine-Assisted Therapy. Occupational Therapy. Autistic Disorder.

### Resumen

Contextualización/ Análisis crítico de la práctica Tratamos de analizar el desempeño del terapeuta ocupacional en la equinoterapia, utilizando un razonamiento clínico vinculado a los componentes del Modelo de Ocupación Humana, en el seguimiento de un practicante con trastorno del espectro autista para estimular la motivación y la socialización. Resumen de consideraciones: El terapeuta ocupacional observó que este modelo, aplicado a su práctica, favorece la motivación, la socialización y el compromiso en las ocupaciones de los niños con autismo.

**Palabras clave:** Terapia Asistida por Caballos. Terapia Ocupacional. Transtorno Autístico.

## 1. Contextualização

Este artigo consiste em uma análise da prática do terapeuta ocupacional na equoterapia em praticantes<sup>1</sup> com Transtorno do Espectro Autista a partir da perspectiva do Modelo da Ocupação Humana (MOHO). O terapeuta ocupacional utilizou o cavalo como um instrumento cinesioterapêutico, objetivando o engajamento do praticante em ocupações, tendo ampliado a socialização, a autonomia e a motivação.

## 2. Processo de intervenção/acompanhamento

Destaca-se, nesta análise de prática, a atuação do terapeuta ocupacional de um Centro de Equoterapia da cidade de Maceió/AL que atende crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no programa de hipoterapia<sup>2</sup>.

O terapeuta ocupacional desta análise é habilitado para atuar na equoterapia e faz parte de uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, fisioterapeuta, educador físico e equitador, contando também com uma equipe de apoio formada por médico psiquiatra, médico veterinário e profissionais da equinocultura.

A atuação desse profissional, no caso em análise, teve início com a avaliação multidisciplinar do praticante, que é uma criança de 6 anos de idade, do sexo masculino, diagnosticado com TEA e que realiza o tratamento há aproximadamente dois anos. Na avaliação, a mãe relatou que ele apresentava dificuldade de socialização e tinha afinidade com animais; porém, tinha uma predileção por vacas. Ela ainda contou que a criança precisava de ajuda para realizar as atividades cotidianas (como tomar banho e vestir roupas) e as atividades escolares, pois tinha dificuldade de aprendizagem e concentração, além de apresentar ecolalia e baixa iniciativa.

Analisando as demandas da criança, o parecer para o tratamento de equoterapia foi dado pela equipe, e os possíveis riscos para realização da terapia, como a presença de crises convulsivas não controladas, não foram identificados.

O passo seguinte foi a escolha do cavalo. Para isso, lavou-se em consideração o tamanho e o comportamento do animal, assim como os materiais de montaria a serem utilizados: estribo e sela ou manta com apoio. O cavalo escolhido apresentava um porte médio, de comportamento tranquilo, de raça mestiça e fazia uso de sela com alça e estribo aberto.

---

<sup>1</sup>Pessoa com deficiência ou necessidades especiais que pratica a equoterapia no programa de hipoterapia.

<sup>2</sup>A ANDE-BRASIL define a área da reabilitação como um dos programas básicos da equoterapia, no qual, para que se mantenha a segurança do praticante, é necessário um auxiliar-guia que o conduz na montaria e um auxiliar lateral. As atividades são conduzidas por um profissional que se posiciona lateralmente ao cavalo.

As sessões eram realizadas às sextas-feiras no horário da manhã e tinham duração de 30 minutos. O início da sessão se dava pelo acolhimento, com a colocação do capacete no praticante e o cumprimento ao cavalo, seguido da montaria, da realização das atividades, do desmonte e finalização com a despedida. Durante 10 sessões, o objetivo do terapeuta ocupacional foi estimular a motivação do praticante para o engajamento nas atividades oferecidas, visando, inclusive, à melhora na participação social.

A partir das demandas do praticante, o terapeuta ocupacional buscou engajá-lo em atividades cotidianas e periódicas do cavalo, como a realização da escovação da crina do animal e a oferta de alimentação (Figuras 1 e 2), atividades que eram realizadas antes ou após a montaria.

**Figura 1.** Praticante realizando atividade do cotidiano do cavalo (escovação) como estímulo à capacidade de interação e vínculo.



**Figura 2.** Terapeuta ocupacional estimulando o praticante a realizar atividade de alimentação, que promove socialização e contato do praticante com o cavalo.



As atividades do cotidiano do cavalo, realizadas de forma contínua, motivavam o praticante a aprender hábitos de autocuidado e habilidades motoras. Isso possibilitou maior engajamento em suas próprias Atividades da Vida Diária (AVD), maior vínculo com o cavalo, experimentação de novas situações cotidianas e sensações em um novo ambiente.

À medida que as sessões eram finalizadas, o profissional registrava sistematicamente, no prontuário do praticante, as informações das atividades, entre as quais constavam os materiais utilizados, o comportamento do cavalo e do praticante e sua evolução no atendimento, bem como as orientações realizadas aos pais.

### **3. Análise crítica da prática**

A equoterapia é um método reconhecido por lei, que utiliza o cavalo como recurso terapêutico e possui quatro programas básicos (Senado Federal, 2019; Associação Nacional de Equoterapia [ANDE-BRASIL], n. d.). O programa utilizado na prática do terapeuta ocupacional desta análise foi a hipoterapia, a qual vem sendo muito difundida na reabilitação de praticantes com TEA (Bender & Guarany, 2016; Ward et al., 2013; Petty, et al. 2017).

Recentes estudos vêm apresentando resultados evidentes da eficácia da intervenção do terapeuta ocupacional na equoterapia em casos que tinham como objetivo ampliar a autonomia, a independência e a autoconfiança do praticante. No entanto, ainda são reduzidas as publicações da prática do terapeuta ocupacional com esse tipo de intervenção (Gonçalves & Lima, 2019; Cavalcante & Calil, 2011).

Para Llambias *et al.* (2016), quando o terapeuta ocupacional atua com crianças e adolescentes com TEA, ele busca engajá-las em atividades, melhorar o comportamento adaptativo, a socialização, a comunicação e a modulação sensorial através dos movimentos do cavalo.

Diante da prática aqui apresentada, o terapeuta ocupacional, fazendo uso de seu raciocínio clínico, observou o comportamento ocupacional do praticante e procurou analisar, com base na literatura nacional e internacional, como os componentes do Modelo da Ocupação Humana (MOHO) estariam inseridos na equoterapia. Haglund (2020) reforça que terapeutas ocupacionais que pesquisam e estudam sobre a teoria do MOHO têm facilidade para segui-lo na sua prática até mesmo com uso de instrumentos que têm base no modelo, não sendo necessário curso para aplicá-lo.

Esse é um modelo criado por Gary Kielhofner, em 1975, e centrado no cliente e nas ocupações humanas. Tem como componentes a vontade, a habituação, a capacidade de desempenho e o ambiente, sendo um dos modelos mais utilizados pelos terapeutas ocupacionais no mundo (Cruz, 2018, Heras, 2015; Polia & Castro, 2007; Kielhofner & Forsyth, 1997; Haglund, 2020).

Conforme afirmam Ashby & Chandler (2010), os modelos focados na ocupação fornecem uma base teórica para a prática. Desse modo, o terapeuta ocupacional buscou aprofundar seus conhecimentos

acerca da teoria do MOHO a partir da leitura de trabalhos publicados. Entre esses trabalhos, estava um estudo de caso único de Taylor *et al.* (2009) sobre o impacto da hipoterapia na motivação de praticantes com TEA para a socialização e a realização de suas atividades de vida diária através de um instrumento baseado no MOHO, o Pediatric Volitional Questionnaire.

Um dos componentes a ser observado foi a vontade do praticante no engajamento da prática de equoterapia. Segundo Taylor *et al.* (2009), a vontade, no MOHO, caracteriza-se como interesses, autoeficácia e motivação. Assim, foi observado que a presença do cavalo era motivadora para o praticante realizar a montaria e participar das atividades propostas, tal efeito foi observado no estudo de Llambias *et al.* (2016), no qual o terapeuta ocupacional encontrou evidências favoráveis para o engajamento de praticantes com TEA em atividades voltadas a interação social.

Gabriels *et al.* (2015) em uma pesquisa randomizada e controlada, perceberam que um grupo de praticantes com TEA, ao interagirem com o cavalo, apresentaram-se motivados, autoconfiantes e com foco nas atividades, além de apresentarem melhorias na cognição, comunicação, socialização e uma redução da irritabilidade quando comparados a um grupo controle. Segundo Bender & Guarany (2016), essa relação de causa e efeito é possível pelo fato de o cavalo ser um animal altamente sociável, que responde a estímulos humanos sutis, favorecendo, ao praticante com TEA, uma aprendizagem concreta e a comunicação social.

A cada terapia, o praticante realizava as mesmas tarefas de esperar, montar, sair ao passo, realizar atividades lúdicas ou do cotidiano do cavalo e apejar. Assim, foi estabelecido um hábito a partir das repetições, sendo desenvolvido, portanto, o componente da habituação. A habituação é um componente em que o homem repete padrões de comportamento ocupacional conduzidos por hábitos e papéis (Heras, 2015; Kielhofner & Burke, 1980; Kielhofner & Forsyth, 1997; Polia & Castro, 2007).

As atividades propostas pelo terapeuta ocupacional eram realizadas no dorso do cavalo, com materiais adaptados e convencionais. Entre as atividades realizadas, constavam: as voltadas para a estimulação cognitiva, com uso de jogos pedagógicos; e as de coordenação motora grossa, através de brincadeiras (jogar bola ou argolas no cone, pescaria, entre outras). Entretanto, as atividades que requerem maiores habilidades na motricidade fina – como massa de modelar, pintura, recorte, colagem e desenho – foram evitadas, uma vez que os cavalos não têm uma base estável e, mesmo que não estejam cavalgando, executam algum tipo de movimento, tornando o manuseio do praticante mais difícil, o que pode causar frustração por não conseguir realizar a atividade (Cavalcante & Calil, 2011).

De forma lúdica, o terapeuta ocupacional sugeriu a atividade de passeio com o cavalo ao passo, estimulando as habilidades físicas e mentais. Isso gerou uma série de estímulos sensoriais (proprioceptivos, vestibulares e táteis), que eram passados para o praticante através dos movimentos cinesioterapêuticos do cavalo, proporcionando a percepção dos movimentos e a sua consciência corporal (Figura 3). Nesse aspecto, o terapeuta ocupacional observou que as atividades lúdicas e pedagógicas e

o cavalo ao passo (hipoterapia) atuavam no desenvolvimento das capacidades mentais e físicas no desempenho ocupacional do praticante. Nisso, refere-se ao componente capacidade de desempenho do MOHO, que objetiva a organização interna dos componentes físicos, mentais e subjacentes, atenta para como eles são utilizados e experimentados no desempenho, bem como para sua condição musculoesquelética, neurológica, cardiopulmonar e outras (Heras, 2015; Kielhofner & Burke, 1980; Kielhofner & Forsyth, 1997; Polia & Castro, 2007).

**Figura 3.** Atividade lúdica sobre o cavalo proporcionando estimulação das capacidades cognitivas e sensoriais.



É importante destacar que toda a atividade de equoterapia é realizada em um ambiente bem diferente daqueles de clínica de reabilitação, tendo em vista que são locais abertos e próximos à natureza (Kielhofner & Forsty, 1997). Segundo Heras (2015), o MOHO foi o primeiro modelo da profissão a incorporar o ambiente como aspecto fundamental da ocupação humana, sendo esse o quarto componente do modelo. Conforme Cruz (2018), o ambiente apresenta três contextos, quais sejam: (a) Contexto global; (b) Contexto local; e (c) Contexto imediato. Este último é identificado nesta análise de prática, pois esse tipo de contexto abrange centros de tratamento, como a equoterapia, local de análise da prática, além de incluir ambientes como a casa, o trabalho ou a escola.

Nesta análise da prática, o terapeuta ocupacional observou que o praticante apresentou melhora na interação social e na comunicação verbal, mudança de comportamento observada durante os atendimentos e maior participação em brincadeiras e nas AVD em casa, segundo relato da mãe.

Kielhofner & Forsyth (1997) explicam que a experiência de uma atividade ensina, a cada um de nós, o que podemos e o que não podemos realizar para gerar sentimentos de confiança ou insegurança em relação ao nosso relacionamento físico, intelectual ou interpessoal. Já em relação aos interesses, as atividades surgem a partir da experiência de prazer e satisfação no comportamento ocupacional do sujeito.

Kielhofner & Burke (1980) também explicam que o componente da vontade é o impulso básico para a exploração e o domínio do meio ambiente, gerando uma crescente simbolização de si mesmo agindo no mundo. Assim, é possível que, na equoterapia, a motivação do praticante – gerada pela presença do cavalo – facilite seu engajamento em ocupações. O terapeuta ocupacional, na equoterapia, espera que, durante o processo terapêutico, o praticante continue a desenvolver sua autoaprendizagem, transferindo para si uma habituação para cumprir regras, criar uma rotina diária e desenvolver uma participação social.

Vimos aqui que o terapeuta ocupacional realiza sua prática em um ambiente diferente dos centros de reabilitação. Salientamos que o ambiente se tornou motivador para o praticante realizar diferentes atividades propostas e vivenciar uma variedade de sensações. Sendo assim, a associação dos componentes do MOHO com a prática da Terapia Ocupacional, em equoterapia, foi inovadora, observando-se uma complexa e harmoniosa capacidade de desempenho do praticante estimulada pelos movimentos cinesioterapêuticos e tridimensionais do cavalo. Ademais, verificou-se maior interesse do praticante nas atividades, as quais foram importantes para estimular suas habilidades cognitivas (Bender & Guarany, 2016; Kielhofner & Burke, 1980; Kielhofner & Forsyth, 1997).

#### **4. Síntese das considerações**

Diante desta análise de prática, o terapeuta ocupacional entendeu que aplicar a teoria do MOHO em sua prática de equoterapia favorece a estimulação da motivação de crianças com TEA para participarem de atividades do cotidiano do cavalo, melhorando, desse modo, a capacidade de socialização, comunicação e o desempenho ocupacional. No entanto, é necessária a realização de mais estudos do MOHO nesse contexto, para que sejam criados mais subsídios que apoiem a utilização deste modelo na equoterapia.

#### **Referências**

Ashby, S., & Chandler, B. (2010). An Exploratory Study of the Occupation-Focused models included in occupational therapy professional education programmes. *Research*. 73(12), 616-624.

Associação Nacional de Equoterapia – Brasil. (n. d.) *O Método*. Recuperado em 04 agosto, 2020, de [http://equoterapia.org.br/articles/index/articles\\_list/138/81/0](http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0).

Bender, D. D., & Guarany, N. R. (2016). Efeito da equoterapia no desempenho funcional de crianças e adolescentes com autismo. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. 27(3), 271-277.

Cavalcante V. A. S, & Calil, F. C. (2011). *Equoterapia*. In: Cavalcante, A., & Galvão, C. Terapia Ocupacional: fundamentação & prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Cruz, D. M. C. (2018). Os Modelos de Terapia Ocupacional e as possibilidades para prática e pesquisa no Brasil. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*. 2(3), 504-17.
- Gabriels, R. L., Pan, Z., Dechant, B., Agnew, J. Á., Brim, N., & Mesibov, G. (2015). Randomized Controlled Trial of Therapeutic Horseback Riding in Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*. 54(7), 541-549.
- Gonçalves, L. N., & Lima, A. C. D. (2019). Atuação Terapêutica Ocupacional en la Equinoterapia: una Revisión de la Literatura. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*. 19(2), 11-23.
- Haglund, L. (2020). Utility of Model of Human Occupation Screening Tool in Sweden. *Occupational Therapy in Mental Health*. 36(3), 244-257.
- Heras, C. G de las. (2015). *Desarrollo de integración de la teoría y práctica del MOHO*. In: Heras, C. G. de las (Org.). Modelo de Ocupación Humana. Espanha: Editora Síntesis.
- Kielhofner, G., & Forsyth, K. (1997). The Model of Human Occupation: an Overview of Current Concepts. *British Journal of Occupational Therapy*. 60(30), 103-110.
- Kielhofner, G., & Burke, J. P. (1980). A Model of Human Occupation, Part 1. Conceptual Framework and Content. *American Journal of Occupational Therapy*. 34(9): 572-581.
- Llambias, C., Magill-Evans, J., Smith, V., & Warren, S. (2016) Equine-Assisted Occupational Therapy: Increasing Engagement for Children With Autism Spectrum Disorder. *American Journal of Occupational Therapy*. 70(6): 7006220040.
- Petty, J. D., Pan, Z., Dechant, B., Gabriels, R. L. (2017). Therapeutic Horseback Riding Crossover Effects of Attachment Behaviors with Family Pets in a Sample of Children with Autism Spectrum Disorder. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 14(3), 256.
- Polia, A. A., & Castro, D. H. (2007). A lesão medular e suas sequelas de acordo com o Modelo de Ocupação Humana. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 15(1),19-29.
- Pontes, T. B., Polatajko, H. (2016). Habilitando ocupações: prática baseada na ocupação e centrada no cliente na Terapia Ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 24(2), 403-12.
- Senado Federal do Brasil. (2019) *Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019*. Dispõe sobre a prática da equoterapia. Recuperado em 02 julho, 2019, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm).



Taylor, R. R., Kielhofner, G., Smith, C., Butler, S., Cahill, S. M., & Ciukaj, M. D. (2009). Volitional Change in Children with Autism: A Single-Case Design Study of the Impact of Hippotherapy on Motivation. *Occupational Therapy in Mental Health*. --(25), 192-200.

Ward, S. C., Whalon, K., Rusnak, K., Wendell, K., & Paschall, N. (2013). The Association Between Therapeutic Horseback Riding and the Social Communication and Sensory Reactions of Children with Autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. 43(9), 2190-2198.

**Contribuição dos autores:**

O autor foi responsável desde a concepção do texto até a elaboração final do manuscrito.

**Recebido em:** 02/06/2020

**Aceito em:** 02/09/2020

**Publicado em:** 12/05/2021

**Editora:** Daniela Tonús